

As exposições de Arte Francesa no Brasil e sua influência em José Pancetti

The exhibitions of French Art in Brazil and its influence on José Pancetti

ELIANA RIBEIRO AMBROSIO*

Artigo completo submetido a 02 de janeiro de 2018 e aprovado a 17 janeiro 2018

*Brasil, artista plástica e professora de artes visuais.

AFLIAÇÃO: Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes, Departamento de Artes Plásticas. Av. Antonio Carlos, 6627, Escola de Belas Artes, CEP: 31270-901, Belo Horizonte — MG, Brasil. E-mail: ambrosio@ufmg.br

Resumo: A vinda da “Exposição de Pintura Francesa” para o Brasil, em 1940, seguida das mostras de 1945 e 1949, constituíram um acontecimento de grande relevância dentro da vida cultural e artística da época, pois além de tornarem-se um grande evento, possibilitaram a apreciação estética e o estudo de várias de obras conhecidas apenas por meio de publicações em preto e branco. Nesse sentido, o presente artigo tratará das sugestões e influências que alguns artistas presentes nessas mostras despertaram na obra do artista brasileiro José Pancetti (1902-1958).

Palavras chave: Pancetti / exposição / arte francesa.

Abstract: *The arrival of the “French Painting Exhibition” to Brazil in 1940, followed by exhibitions of 1945 and 1949, were a very important event in the cultural life and art scene of the time, because besides becoming a great event, it enabled the aesthetic appreciation and study of several works known only through black and white publications. Thus, this article will deal with the suggestions and influences that some artists present in these exhibitions have awakened in the work of Brazilian artist José Pancetti (1902-1958).*

Keywords: *Pancetti / exhibition / French art.*

Introdução

Durante o contexto político entreguerras, a estratégia diplomática deu-se por meio das artes, com a realização de exposições em terras estrangeiras. Assim, entre as décadas de 1930 e 1940, diversos países divulgaram sua cultura nacional em mostras na América Latina. De 1938 a 1949, o Museu nacional de Belas Artes (MNBA) realizou exposições vindas da Alemanha, Itália, França, Estados Unidos, Inglaterra e Canadá. Dentre elas, cabe ressaltar, as mostras de arte francesas. A primeira ocorreu em 1940, e apresentou um panorama da pintura francesa de David a obras recém produzidas, seguida pela exposição intitulada *Pintores franceses dos nossos dias*, em 1945, que ampliou o repertório artístico de obras contemporâneas exibidas na primeira mostra, encerrando com a *Exposição de Arte Contemporânea Francesa: de Manet a nossos dias*, em 1949. De certa forma, elas se complementam e funcionam como uma mostra panorâmica diluída ao longo desses intervalos, contribuindo para a circulação e recepção da arte europeia no Brasil, sobretudo para a difusão da Escola de Paris.

A partir das considerações iniciais, exploraremos as possíveis influências que estas mostras, notadamente a realizada em 1940, exerceu na produção de José Pancetti (Campinas-SP,1902-Rio de Janeiro-RJ,1958), artista brasileiro autodidata, o qual iniciou seu trabalho por volta de 1925, com representações de marinhas.

1. A exposição francesa de 1940

A *Exposição de Pintura Francesa*, vinda de Buenos Aires e Montevideo, reuniu em junho 1940, cerca de 175 obras dos séculos XIX e XX. Inicialmente, foi exibida no Rio de Janeiro e, em setembro, enviada a São Paulo. Sua chegada ao país, constituiu um acontecimento de grande relevância dentro da vida cultural e artística da época (Amaral, 1983), (Willian, 2001), como Milliet (1940) e Navarro (1940) comentam em seus artigos. Não é preciso muito para enfatizar a importância de mostras deste porte no cenário nacional, pois além de tornarem-se um grande evento cultural, possibilitaram a apreciação estética de várias de obras conhecidas apenas por meio de publicações em preto e branco, como bem apontou a artista Tarcila do Amaral:

Uma pequena parte dos museus franceses se transportou à América do Sul para a alegria dos pintores e dos amadores da pintura. [...] As correntes da pintura contemporânea podem ser observadas e estudadas nessa Exposição de Arte Francesa. Os pintores mais representativos lá estão com os seus ensinamentos e as suas experiências. Alguns desiludiram, outros entusiasmaram àqueles que apenas os conheciam por meio de reproduções. (Amaral, 2001:152-3)

Outro ponto a ressaltar, é o fato da mostra trazer obras tanto de pintores contemporâneos conhecidos, tais como, George Braque, Pablo Picasso, Maurice Vlaminck, quanto de artistas desconhecidos do cenário nacional, além de pinturas recém produzidas, como *Retrato de Mme. L.* (1937) de Christian Berard, *Natureza Morta* (1938) de Georges Braque, *Caminho da China* (1938) de Gabriel Daragnès, dentre outras (Ministério da educação, 1940). Fontes, as quais acabaram por influenciar direta ou indiretamente a produção dos artistas que a visitaram.

2. Pancetti, percurso inicial

Após uma passagem pela Marinha Mercante italiana, Pancetti retornou ao Brasil em 1919, exercendo diversas atividades. Em 1921, foi para o Rio de Janeiro, alistando-se na Marinha de Guerra Brasileira. Sua trajetória artística desenvolveu-se pouco depois, ao conhecer o artista Giuseppe Gargaglioni, que o apresentou ao Núcleo Bernardelli.

Até 1941, momento no qual o artista ganhou respaldo nacional ao ser premiado, na recém-criada Divisão Moderna do Salão Nacional de Belas Artes, com a tela *O Chão* (Figura 1), sua obra foi marcada por marinhas de cunho impressionista e algumas naturezas-mortas. Esta primeira fase teve caráter de estudo e aprendizagem. Ao ingressar no Núcleo Bernardelli, em 1933, viveu as tendências da Arte Moderna, e ampliou seu repertório artístico e composicional. Nesse período, suas pinturas de marinhas, com pinceladas impressionistas, alteraram-se sob influência de Bruno Lechowski, seu orientador no Núcleo. Por volta de 1940, é notável sua preferência por tons frios e terrosos, que entram na composição quase como uma névoa. Estes tons, muitas vezes esverdeados, estavam fortemente ligados às tonalidades em que utilizava para pintar os cascos de navios.

3. Possíveis influências das exposições estrangeiras na trajetória do pintor

A partir 1941, suas investigações seguiram um novo caminho. Coincidência à parte, no ano anterior, ocorrera a *Exposição de Pintura Francesa* no Rio de Janeiro. A produção de Pancetti sempre teve uma forte ligação, quase confessional, com os acontecimentos de sua vida e com os repertórios visuais adquiridos, que entram em suas composições de forma intuitiva. Não é por menos que ele utilizou o verso de suas pinturas para relatar sensações, lembranças ou angústias. Assim, é plausível que a mostra francesa tenha marcado profundamente a visão deste artista autodidata, ávido por informações.

Na exposição, Pancetti apreciou as pinturas de marinhas de Pierre Albert Marquet (Leite, 2003), apropriando-se de seus tons acinzentados e de suas



Figura 1 · José Pancetti, *O Chão*, 1941. Óleo sobre tela. Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro.

Fonte: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras (2017) São Paulo: Itaú Cultural. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra7627/o-chao>>. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

Figura 2 · José Pancetti, *Ponta d'areia*, 1940. Óleo sobre tela. Coleção particular. Fonte: Macedo, Fabio de (2010) "Recursos y Procedimientos en la Formación de la Dicción Pictórica de José Pancetti." 19&20 ISSN: 1981-030x Vol. V (3) [consult. 2017-12-28] Disponível em URL: <<http://www.dezenovevinte.net/obras/pancetti.htm>>.

composições com linhas diagonais. No quadro *Baía de Argel* de Marquet, o primeiro plano é marcado por diálogos geométricos em forma e cor, ao passo que o plano de fundo ainda mantém uma densidade aérea próxima dos impressionistas. O artista vive um processo de tensão e tenta romper com este esquema inserindo na Baía, linhas diagonais que trazem o plano intermediário para frente.

Sem abandonar totalmente seus tons esverdeados, Pancetti avançou na utilização de tons acinzentados. De Marquet, não apreendeu somente tais tonalidades, mas também se apropriou da estrutura compositiva de seu plano intermediário, que serviu de referência para estruturar seus quadros, como ocorrem em *Ponta d'areia* (1940) (Figura 2). Ali, ele consegue uma maior unidade na aproximação dos planos que prevalecem sobre o espaço aéreo. Mesmo que ainda mantenha uma certa influência impressionista de pintar o ar à distância, em comparação às suas pinturas anteriores, é notável como, paulatinamente, ele investiu na aproximação do plano de fundo, através do jogo de cores que criam formas geométricas.

Durante a década de 40, o artista também expandiu seus temas por meio da representação da figura humana em retratos e autorretratos. Além dos caminhos apontados por Pierre Marquet, a Exposição Francesa também despertou outras sugestões, já que o processo criativo de Pancetti passava pela constante experimentação intuitiva dos elementos visuais que descobria. (De Macedo, 2010)

Gostaria de destacar a possível influência que o *Retrato de Mme. L.* (Figura 3), de Christian Bérard, exerceu no artista. Contendo a mesma gama cromática que parece aguça-lo, a obra de Bérard possui um fundo acinzentado. Talvez este aspecto tenha chamado a atenção para a sua pintura. O fato é que os retratos de Pancetti, do início da década de 40, tem predomínio de cores frias, com figuras de feições fantasmagóricas, realizadas como mascaras através de manchas que ressaltam seu aspecto dramático, ao mesmo tempo que estruturam o rosto por meio de planos obtidos pelas nuances tonais. Tais soluções assemelham-se aos recursos adotados por Bérard no fundo de sua pintura e também na volumetria das vestimentas da mulher retratada. Ainda, podem aludir aos recursos do período azul de Picasso, como o quadro exposto na mostra de 1940.

Possivelmente, o artista conheceu outras obras de Bérard à semelhança dos retratos de *Emilio Terry* (1931), de *Jean Cocteau* (1928), de *Froska* (1930) (Figura 4), compostos por fundos acinzentados contrapostos por vestimentas em tons avermelhados, com linhas gestuais e descontínuas utilizadas para estruturar a composição, que Bérard pode ter apreendido de Toulouse-Lautrec.

Em seus *Autorretratos* (1940, 1945 e s/d) (Figura 5, Figura 6 e Figura 7), o tratamento cromático é semelhante ao proposto pelo *Retrato de Froska* (1930)



Figura 3 - Christian Bérard, *Mme L.*, 1937. Óleo sobre tela. Coleção Particular. Fonte: <https://theredlist.com/wiki-2-24-525-970-971-view-1940s-4-profile-christian-bere.html>.



Figura 4 · Christian Bérard, *Retrato de Froska*, 1930.
Óleo sobre cartão. Coleção Particular. Fonte:
<http://www.artvalue.com/auctionresult-berard-christian-1902-1949-fra-huile-sur-carton-1870468.htm>.



Figura 5 · José Pancetti, *Autorretrato*, 1941. Óleo sobre tela. Fonte: <https://i.pinimg.com/originals/6e/17/cf/6e17cfe0f2a9466c8705c785160e60d8.jpg>.

Figura 6 · José Pancetti, *Autorretrato*, 1945. Óleo sobre tela. Coleção Particular. Fonte: <https://i.pinimg.com/originals/31/7a/5c/317a5c5604390483adf8187d167e8934.jpg>.



Figura 7 · José Pancetti, *Autorretrato*, s/d. Óleo sobre tela. Coleção Particular. Fonte: Leite, José Roberto Teixeira (1979) Pancetti: pintor marinho. Rio de Janeiro: Fundação Conquista. p.237.

Figura 8 · José Pancetti, *Retrato de Ary Vasconcelos*, 1953. Óleo sobre tela. Coleção Particular. Fonte: Leite, José Roberto Teixeira (2003) José Pancetti 1902-1958: marinho, pintor, poeta. São Paulo: Ed. Pinakothek.



Figura 9 · José Pancetti, *Menina de Itanhaém*, 1945.
Óleo sobre tela. Coleção particular. Fonte: Leite, José Roberto Teixeira (2003) José Pancetti 1902-1958: marinheiro, pintor, poeta. São Paulo: Ed. Pinakotheke.

(Figura 4). Pancetti veste uma camisa bordô construída por pinceladas disformes de vários tons, estruturadas por contornos pretos descontínuos. No fundo, a cor clara exerce vibração sobre a figura, ressaltando-a no primeiro plano. Deveras, em diversos momentos da produção retratista do pintor, essas referências tonais estiveram presentes, a exemplo do *Autorretrato com Anita e Nilma* (1943), *Autorretrato* (1955) e do *Retrato de Ary Vasconcelos* (1953) (Figura 8).

Outro ponto a ressaltar é o que ocorreu com a representação do olhar após 1942. Talvez por influência do *Retrato de Froska* (1930), ou do próprio Modigliani que parece ter servido de inspiração para a figuração dos olhos nesta obra de Bérard, Pancetti transformou-os gradativamente. Se em um primeiro momento, ele foi marcado pela ausência de expressão, devido ao vazio escuro de suas cavidades, à medida que os anos 40 avançam, eles ganharam cor, volumetria (Figura 9), e depois, um desenho mais acentuado nos últimos trabalhos, como em seu *Autorretrato* (1953).

A poética de Pancetti não é linear. O artista desenvolveu sua obra através de experimentos, em constantes avanços e retrocessos estético-composicionais. Seus autorretratos serviram de meio para o artista diversificar, render homenagem a mestres que o influenciavam, como Van Gogh e Gauguin, além de assumir múltiplas facetas e personalidades, ora aparecendo como marinheiro, pintor, um camponês ou a persona do mestre admirado.

Igualmente, entre 1942 e 1945, Pancetti alternou sua produção entre tons frios com a utilização da linha para marcar as formas e experimentações tonais e elementos geométricos para delimitar a composição. Estas buscas tornaram-se recorrentes após 1945, talvez influenciada pela mostra francesa que ocorreu nesse ano, a qual pode ter aguçado o repertório visual do artista em torno das soluções vista. Exemplo destas investigações pictóricas são *Autorretrato como marinheiro* (1945), *Autorretrato com chapéu* (1946) e, o *Retrato de Hernani* (1946), o qual apresenta um fundo rosado próximo a algumas obras de Gauguin.

Através desses estudos, sua produção desenvolveu-se rumo à ampliação da gama tonal, sintetização, geometrização. A historiografia atribui isso ao fato do artista ter ganhado em 1947 o prêmio de viagem no Salão de Belas Artes e visitado a cidade de Salvador, aonde se estabeleceu em 1950. Contudo, cabe pontuar o fato da última mostra de arte francesa ter ocorrido em 1949 e sua possível influência, em conjunto com sua ida a Bahia, para explicar tais modificações estéticas. Como Paulo Knauss aponta, a exposição de 1949 foi marcada pelo centenário da visita de Manet ao Brasil e pelo fato do pintor, que também fora marinheiro como Pancetti, ter produzido seus primeiros desenhos em viagem ao país, quando ainda servia a Marinha. Na oportunidade, o Ministério da



Figura 10 · José Pancetti, *Mãe e filha*, 1956.
Óleo sobre madeira. Coleção particular. Fonte:
<http://www.bolsadearte.com/>

Educação e Saúde, publicou um livro de autoria de Antônio Bento, intitulado *Manet no Brasil*, o qual trazia a tese alternativa de que a viagem de Manet ao Brasil, ligava o país a origem da história da Arte Moderna, pois servira de subsídio para o repúdio ao classicismo e o retorno ao primitivismo. Ademais, apresentava a viagem de Manet como precursora das demais viagens marcantes no século XIX para a história da pintura europeia, como a ida de Henri Rousseau ao México e de Gauguin às Antilhas e ao Panamá, antes de ir ao Taiti. (Knauss, 2008:196-7).

Assim, podemos conjecturar como a mostra e seus desdobramentos repercutiram em Pancetti. Talvez, sua ida à Bahia tenha funcionado como a visita dos artistas modernos a terras estrangeiras, transformando o local, no Taiti de Gauguin. Daí a proximidade com que a pintura de Pancetti passou a tratar das qualidades tonais e formais existentes nas pinturas do artista francês após a década de 50, como ocorre nas obras *Mãe e Filha* (1956) (Figura 10) e *“Abaeté” lavadeiras* (1957).

Conclusão

De fato, as aproximações apresentadas são meras considerações a partir do repertório visual que um artista armazena ao visitar exposições, recolher imagens diversas, comentar trabalhos de colegas e revisitar imagens dos mestres da História da Arte, o qual, em algum momento, aflora em sua produção ou ao observar e avaliar a obra de outrem. Cabe pontuar que a historiografia da arte brasileira jamais estabeleceu qualquer ligação, convergência ou influência entre Pancetti e Bérard. Por outro lado, não se ocupou de apurar a influência das exposições estrangeiras na formação dos artistas nacionais. (Knauss, 2008:188)

Com efeito, à medida que a produção de Pancetti desenvolveu-se, novos caminhos se abriram e outras poéticas foram agregadas. Mais do que ponderar se houve ou não influências da *Exposição de Pintura Francesa* em seu trabalho ou tentar assinalá-las, devemos ter a consciência que a mostra de 1940, seguida das demais exposições estrangeiras realizadas no Brasil, foram uma grande oportunidade para o artista entrar em contato com a produção contemporânea francesa, já que, por motivos de saúde, ele jamais saiu do país, nem mesmo quando ganhou o prêmio do Salão de 1941.

Referências

- Amaral, Aracy A. (1983) "Anos 40: a reflexão crítica sobre a pintura." In: Amaral, Aracy. A (2006) *Trópico de Capricórnio: artigos e ensaios (1980-2005) — Vol. I: Modernismo, arte moderna e compromisso com o lugar*. São Paulo Editora 34. ISBN: 9788573263640. p.168-180.
- Amaral, Tarcila (8 de 8 de 1940) "Exposição de Arte Francesa." (Jornal Estado de São Paulo). In: Amaral, Aracy (org.). (2001) *Tarcila Cronista*. São Paulo: EDUSP. ISBN: 9788531406072. p. 152-3.
- Knauss, Paulo (2008) "Os sentidos da arte estrangeira no Brasil: exposições de arte no contexto da Segunda Guerra Mundial." *Revista Esboço* ISSN:1414-722, eISSN: 2175-7976. Nº19:187-198. [consult. 2017-12-28] Disponível em URL: <http://www.repositorio.uff.br/jspui/bitstream/1/1117/1/Knauss%2C%20Paulo-Os%20sentidos%20da%20arte%20estrangeira.pdf>
- Leite, José Roberto Teixeira (2003) *José Pancetti 1902-1958: marinheiro, pintor, poeta*. São Paulo: Pinakotheke. ISBN:9788571910195.
- Leite, José Roberto Teixeira (1979) *Pancetti: pintor marinheiro*. Rio de Janeiro: Fundação Conquista. sem ISBN.
- Macedo, Fabio de (2010) "Recursos y Procedimientos en la Formación de la Dicción Pictórica de José Pancetti." *19&20* ISSN: 1981-030x Vol. V (3) [consult. 2017-12-28] Disponível em URL: <<http://www.dezenovevinte.net/obras/pancetti.htm>>.
- Milliet, Sergio (1940) "A exposição de pintura francesa." *Revista do Arquivo Municipal*. ISSN: 0034-9216. Ano VI, Vol. LXX: 5-43.
- Ministério da Educação (junho/julho 1940) *Exposição de Pintura Francesa — séculos XIX e XX*. [catálogo da exposição]. Rio de Janeiro: Ministério Educação / Museu de Belas Artes.
- Navarro, Rubem (1940) "A exposição de pintura francesa" *Revista do Brasil*. Sem ISSN. Nº 26.
- Williams, Daryle (2001) *Culture wars in Brazil: the first Vargas Regime, 1930-1945*. London: Duke University Press. ISBN: 9780822327080.